ANO 7.º — Sexta-feira, 19 de Fevereiro de 1915 — NUMERO 358

O DEMOCRATA (AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha. . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Desnecessarias explicações

—=(*)=—

Os malévolos propositos dos que tem interesse em alterar e deturpar a verdade das coisas obrigam-nos a repisar argumentos e afirmações, que bem desnecessario seria, se não pretendessem criminosamente envenenar quanto aqui temos dito em exclusivo beneficio e defêsa dos sãos principios democraticos, que de sempre professâmos, na sua mais elevada essencia.

Podemos afirma-lo bem alto, com a convicção inabalavel que vem da verdade indestrutivel dos factos.

Tem-se pretendido atribuir determinados fins á natural atitude que tomámos, defrontados com a perigosa orientação politica ultimamente seguida por todos os partidos, que, numa luta inglória para a Patria e esteril para as instituições, só as tem comprometido sem atenção nenhuma pelos interesses do país.

Nenhum partido, dizemo-lo com toda a verdade, se tem sabido manter a dentro das praxes constitucionaes; e, pensando sómente no seu engrandecimento numérico e na correspondente prioridade sobre os outros, só tem conseguido este persistente choque de paixões e de violencias com desproveito e desdouro, apenas, para o regimen que de longe vinha representando uma verdadeira aspiração nacional.

Todos se inculcam:—*sentinelas da Republica; defensores heroicos do regimen; respeitadores da Constituição; martires da Ideia*, mas o que de tudo se conclue é que, arvorando-se cada qual em patriota, servindo á sua moda a Liberdade, nenhum, porém, acata e serve os principios, que não são, que não *pódem ser*, todavia, feitos de arbitrios, de violencias, de miserias, nem se subordinam ás conveniencias e paixões de ninguem!

E' velha esta doutrina e tem ela servido, onde respeitada, de base solida e indiscutivel ás sociedades modernas.

Como as leis da natureza, eternas e imutaveis, os principios assentam em igual razão, impondo a sua doutrina a todas as sãs consciencias e a todos os homens respeitadores e honestos.

Algumas situações politicas, dessas que sucessivamente tem escalado o Poder e os proprios partidos que ainda o não atingiram, teem cumprido e satisfeito essas prescripções?

Não o temos visto; mas sim resultar, como logica consequencia de toda essa luta mesquinha e miseravel, violentissimas perturbações sociaes; alterada toda a noção de justiça e de direito; calcada toda a dignidade politica; maltratados, com a mais flagrante injustiça e desprezo, os mais sagrados e altos interesses da Patria, só para que entrem em jogo os interesses partidarios, e as facções politicas, em rudes e indignas investidas, empreguem os meios, ainda os mais baixos, para se vencerem.

Quem ha aí, republicano de principios, puramente patriota e respeitador, que na presença de tamanha e tão perigosa desordem se não revolte contra tal situação?

Acima de todos os homens colocâmos o regimen e acima deste a Patria!

Assim nos indica o nosso criterio, de que não abdicâmos.

Mas esta fórma de vêr significará qualquer particular aversão contra A ou B, como malevolos espiritos, imbecilmente, teem tentado inferir das nossas considerações aqui liberrimamente feitas, para nos apontarem como perigosos e nos considerarem como indisciplinados, mais dignos de repulsão do que de conceito?

Não. Taes considerações são o natural reflexo, o grito de alarme e de revolta de bons republicanos contra quantos, sem distincções de nomes e de partidos, são os vandalos obreiros, os unicos responsaveis pelo esfacelamento dessa grandiosa arvore que, como nós, tantos outros, com inexcedivel dedicação e canceira, plantámos, defendemos e salvámos, tratando-a com os nossos cuidados, adubando-a com a nossa paixão, regada com o sangue de tantos que morreram enlevados na consoladora e grata esperança de que á sua sombra viviria feliz e tranquilo o povo portuguès!

Nós não somos republicanos por aquele famoso principio da metempsicóse que na manhã de 5 de Outubro tão altos prodigios de transformação produziu!

Para esses é que a situação póde servir porque os não encomoda.

Para esses, que, em aparentes arrancos de fidelidade partidaria, só deitam lenha na fogueira, é que nada ha perdido visto o mesmo principio de metempsicóse os poder transformar de novo em monarquicos, hespanhoes, inglêses, ou chilenos!

Se-lo-ão com o mesmo *desinteresse* e a mesma *lealdade* com que servem hoje a Republica.

E desses provém a intriga, o envenenamento da pureza dos nossos desejos, traduzidos na condenação de todos os actos que ultimamente entre nós se tem produzido e que acima de quanto a seu respeito poderiamos dizer, bem patentes e inconfundiveis estão os seus resultados, de sobejo e tristemente conhecidos pelo país inteiro.

Para todos servirá, pois, tal situação, incluindo os sectarios do personalismo politico.

Para tantos quantos, como nós, acima de tudo colocam a elevação suprema da Patria e a alta dignidade das instituições, taes causas e resultados só merecem a mais formal censura, a mais completa condenação.

Fiquem-no sabendo duma vez para sempre.

Autoridades

—=(*)=—

Vai grande azafama entre o evolucionismo local por causa do preenchimento dos logares administrativos em que anda empenhado com o sr. governador civil, constando-nos terem já sido nomeados os seguintes administradores: para Vagos, dr. João Marcelino; para Ilhavo, Manuel de Souza Lopes; para Oliveira do Bairro, o presidente da câmara, Antonio Tavares de Araujo e Castro; para Oliveira de Azemeis, Julio Jacinto Ferreira; para Sever do Vouga, José Martins Pereira e para Espinho, Antonio Augusto de Castro Soares, célebre renegado e autor de várias prepotencias no tempo da monarquia contra os republicanos que então tinham a coragem de o ser não seguindo o exemplo de tão estranha creatura.

Este sr. Castro Soares é ainda o mesmo individuo que presidia no municipio á data de 5 de Outubro de 1910, que serviu de inquisidor no concelho de Espinho por ocasião da ditadura franquista e que por consequencia anda chumbado á monarquia por caracteristicos factos que o tornam profundamente antipatico, e portanto um elemento perigoso no logar em que o sr. governador civil o colocou.

Se as restantes autoridades forem todas escolhidas assim, com o mesmo escrupulo que presidiu á nomeação do famigerado franquista de Espinho, não haja duvida que isto caminha e caminha bem... para traz.

Mas poderão consentir nisso os velhos republicanos sem um protesto que se faça ouvir no país, tendente a salvar a Republica da traição que se lhe está preparando?

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

UMA BELA LIÇÃO

—=(*)=—

A' meza dum hotel, em Barcelona, dias antes de iniciar-se a guerra medonha que apavora o mundo, uma franceza e uma alemã, companheiras de viagem, ao findar o jantar, travaram um violento dialogo a proposito da superioridade intelectual duma sobre outra raça. A alemã tirava a lista dos seus homens de sciencia e de arte, levando o confronto exemplificativo da superioridade da sua casta até á faculdade inventiva que geralmente era notada no povo alemão.

A franceza não lhe ficava atraz, acordando nomes de heroes, de sabios, historiadores, poetas, provando quanto os francezes tinham sobre os alemães uma absoluta superioridade de fecunda iniciativa em descobertas e invenções, que estes ordinariamente seguiam e plageavam.

E apanhando um cabelo muito louro que se soltára da cabeça da alemã exclamou: para provar-lhe quanto ha de verdadeira superioridade, de engenho da minha raça sobre a sua, aproveitarei este seu cabelo para que êle sirva de prova á minha afirmativa.

A alemã sorriu-se das palavras da sua amiga e encolheu os hombros com um ar de incredulidade e de superior desdem.

No dia seguinte, porém, em frente do talher da alemã, a franceza colocava um pequeno pedestal no alto do qual pousava uma pequenina aguia—simbolo da Alemanha.

Esta segurava no bico um cabelo á extremidade do qual estavam ligadas as armas das provincias de Alsacia e Lorena!!!

O cabelo era o da alemã e a alusão atingia a intensidade vibrante dum rigoroso facto historico que—tocante palpite—a realidade confirmava poucas horas depois com o rompimento das relações entre os dois povos e a invasão alsaciana pelas francezes, tão festejados por os seus irmãos, a quem 44 anos de separação não conseguiram apagar o fogo sagrado do amor da Patria!

Não nos disse, o informador, a cára com que ficaria a alemã e as que terá ela feito com o desenrolar dos acontecimentos, mas... supomos sem receio de errar...

A lição foi profundamente patriotica e percursora da grande verdade que ela encerra!

As operações militares ao sul de Angola

Ainda o desastre das tropas portuguêsas

Todos os dias chegam noticias de Angola com pormenores do desastre que ali sofremos e dolorosamente impressionou o povo português. Agora são amigos que escrevem, conhecidos que transmitem as suas impressões sobre a tremenda carnificina em que sacrificaram a vida irmãos nossos, filhos da mesma Patria, com uma abnegação que nos compunge, com um stoicismo que nos comove porque bem revelam o sentimento e o amor que existe no soldado lusitano quando chamado ao cumprimento do seu dever. E porque assim é, eis o motivo que nos leva a reproduzir as duas cartas que seguem e cujos sinatarios do melhor grado acederam ao pedido que fizémos para darmos conhecimento aos nossos leitores, ávidos de noticias que os possa elucidar verdadeiramente sobre o desastre que tanto nos interessa.

A primeira é datada de Mossamedes e diz assim:

Noticias da guerra ha e infelizmente não são satisfatorias. Deve saber já, pelos jornaes, que tivémos uma derrota no forte de Naulila, que fica além Cunene. A derrota foi-nos infligida pelos alemães que entraram no nosso territorio na força calculada de 2:500 homens, trazendo na primeira linha de combate 1:500 e os restantes de reforço. Além disso faziam-se acompanhar de 8 peças e 16 metralhadoras! As nossas forças estavam nesse ponto em numero de 700 homens com 3 peças e 4 metralhadoras apenas, desporporção que, como se vê, era grande. Havia perto (12 quilometros, aproximadamente) mais um batalhão de infanteria 14 (400 homens) e a 5 quilometros um pelotão de cavalaria.

De nada, porém, isso valeu para evitar a derrota.

Com os nossos andava um estrangeiro, que se dizia dinamarquez, a servir de guia para ensinar o caminho para a colonia alemã, mas o que agora se diz é que ele era, sem que disso se apercebessem a tempo, um espião e ainda por cima dos da raça teutonica, a avaliar pelo sumisso que levou na vespera do combate.

Quanto a vinda dos alemães pelo lado contrario, dizendo sempre que estes nunca podiam vir ao encontro das tropas portuguêsas senão por um outro ponto de passagem do lado da fronteira, o que em parte aconteceu, pois que os alemães logo que se acharam dentro do nosso territorio circundaram as nossas forças sem que fossem vistos devido aos vários estratagêmas de que se serviram, ocultos no mato, principiando por nos atacar de madrugada pelo flanco esquerdo. O Roçadas tinha reforçado mais o ponto que o tal *dinamarquez* indicou quando afinal o ataque se deu por outro lado! Os alemães vinham bem armados e a infanteria deles era toda a cavalo, em magnificas montadas e camelos. Sabiam perfeitamente onde nós tinhamos os nossos paioes da polvora e os seus primeiros cuidados foi exatamente destrui-los por meio de granadas o que conseguiram logo de principio, fazendo-os ir pelos ares, sendo o primeiro a arder o que estava junto ao posto de Naulila, que ficou completamente destruido bem como uma *cubata* (casa de capim) onde tambem tinhamos munições que eles sabiam e alvejaram. Conseguiram assim que duma vez só os nossos quasi esgotassem as munições, mas apezar disso as forças portuguêsas ainda se aguentaram 4 horas em combate! Este começou depois das tres da manhã e acabou ás 8. Roçadas foi prevenido na vespera que os alemães o atacariam e sabia, dizem, qual o numero de soldados que compunham a coluna inimiga. Será verdade? Não será? O que ressalta, porém, de tudo, é que podia ter sido mais prudente fazendo concentrar as nossas forças todas desde que foi prevenido a tempo e caso essa versão seja verdadeira. Se assim fizésse os alemães seriam fatalmente derrotados devido não só ao grande numero de soldados de que já dispomos, mas tambem á superioridade das nossas armas e da nossa artilharia, que é bem melhor do que a deles.

Dizem egualmente que se fômos derrotados isso se deve ao major Salgado não ir em socorro dos nossos, pois que estava a 12 quilometros e a essa distancia ouvia perfeitamente o tiroteio. Mas não. Ha quem afirme que em vez do auxilio que devia prestar o que fez foi passar o rio Cunene e pôr-se a salvo.

O que valeu aos nossos não serem todos chacinados foi o bravo tenente Aragão que, com 30 homens de cavalaria, dentro os quaes apenas escaparam 6 soldados e o primeiro sargento Oliveira, se atiron sobre os alemães, á lança, desorientando assim estes e pondo a salvo o resto das nossas forças que retiraram precipitadamente tendo de atravessar grandes extenções a *corta-mato* para vir juntar-se no forte Roçadas, que egualmente teve de ser abandonado e incendiado visto a retirada ser feita para o Humbe. Daqui vieram ainda até Cahama e atualmente os sobreviventes acham-se nos Gambos por causa da agua que neste é mais abundante em virtude de ser montanhoso.

Na fuga os pretos atacaram os soldados portuguêses e alguns caíram mortos e consta que muitos entregaram as armas e munições a troco de agua, dando-se no Humbe veadadeiros assaltos ás habitações donde creados, cosinheiros, etc., roubaram tudo após a retirada dos nossos.

O Cuamato, Cuanhama e Humbe (gentio) está todo revoltado e para se submeter agora tem que levar tempo e trabalho. Uns 10 a 12 mezes serão preciso para meter na ordem esta pretalhada. Temos, pois, que nos bater com o gentio e alemães. Estes é que levaram o gentio a revoltar-se, mas diz aquele que será pelos portuguêses se nós vencermos!... Que remedio terão eles! Mas Roçadas está disposto a castiga-lo severamente. O que sucederá? Não sei. Roçadas tem o seu plano e por isso o melhor é aguardar as novas operações.

O numero de mortos no desastre, feridos e presioneiros sôbe a mais de 200 apesar de dizerem que é menos. Entre estes ultimos encontra-se o tenente Marques e alferes Sereno que a principio se dizia terem morrido. Ha quem afirme que os alemães nos atacaram para vingar a morte de dois oficiaes em territorio nosso. Não creio porque atacaram diversos fortes ao mesmo tempo (Naulila e Cuangar, ao principio.

Correm mais versões sobre factos isolados que não vale a penna relatar.

Que mais lhe direi? Que o trabalho é excessivo? Que não ha um momento de descanço? Que ha a maior anciedade por vêr terminado o incidente que tanto dinheiro e tantas vidas nos tem custado já? Mas tudo isso deve calcular e por isso termino até que de novo me seja possivel dar-lhe noticias mais satisfatorias.

Um outro amigo nosso, atualmente residindo nesta cidade visto fazer parte do brioso corpo de infantaria 24, recebeu tambem pela ultima mala de Africa uma carta de Lubango datada de 16 de Janeiro, que diz assim:

Escrevo-te de Lubango aonde vim convalescer das febres que me atacaram além Cunene. Uma grande parte de oficiaes e praças da primeira expedição viéram para aqui reconstituir-se.

Pela imprensa estás a estas horas inteirado do que aqui se tem passado, mas como é possivel que muitas inexatidões se tenham escrito, como é costume, não desgostarás de saber com absoluta verdade, ainda que resumidamente, como os ultimos acontecimentos daqui se déram, suas causas, consequencias e como se procura remediar o passado.

Veio a expedição de setembro, como sabes, especialmente destinada a guarnecer a fronteira, devendo aproveitar a ocasião para bater o cuanhama. Ninguem podia acreditar que com um efectivo de 1:800 homens, a que se juntaram aqui algumas companhias de indigenas, que só teem valor militar negativo em frente de alemães, tivéssemos a ousadia de nos defrontarmos com tal gente, tão bem organisada militarmente nas colonias como em qualquer praça de guerra da Alemanha.

O quartel general da coluna só por hipotese admitia a luta com alemães.

Chegados aqui, teve-se conhecimento, em fins de outubro, do primeiro *casus belli* com os alemães. Foi aquele caso de Naulila, em que três oficiaes alemães fôram mortos pela guarnição daquele posto. Entraram armados no nosso territorio a titulo de conferenciar com os nossos e com tal *diplomacia* se houveram uns e outros que a cêrta altura o comandante do posto, alferes Sereno, mandou fazer fogo, matando-os. Ao Sereno estava reservada a triste sorte de morrer no combate de 18 de dezembro, no mesmo sitio de Naulila.

Em 1 de novembro saía daqui para a fronteira o primeiro nucleo importante de forças em que eu ia incorporado. A 15, proximo do Humbe, recebemos a noticia do massacre do Cuangar. A 20 do mesmo mez principiaram as nossas forças a guarnecer vários pontos estrategicos, cobrindo os caminhos que dão passagem para a Damarelandia; entretanto todas as forças da retaguarda se dirigem para a fronteira. Sabes como ela é extensa, e com tão reduzido efectivo só por fantasia se podia admitir uma defêsa eficaz. As forças, que não se compunham de mais de 3:000 homens (incluindo

os pretos) tivéram que guarnecer os seguintes pontos: Pocolo, Ediva, Otchitoto, Otchinjai, Naulila, vau de Caluéque, Dangoena, forte Roçadas e outros fortes do Cuamato. Considéra agora que os alemães, até ao caso do Cuangar, andaram pelo nosso territorio como por sua casa, só sendo expulsos daqui muito depois do primeiro caso de Naulila e após o massacre do Cuangar. Mascarados de medicos, engenheiros, comerciantes e até carreiros, era um enxame de espiões. Pódes calcular bem se eles sabiam ou não tudo o que se passava, a situação exata das nossas tropas e tudo o mais que lhes conviésse.

A 18 de dezembro atacaram as forças de Naulila que tinham um efectivo de pouco mais de 600 homens. Estavam de tal maneira conhecedores da disposição das forças, que atacaram pelo flanco esquerdo, ponto fraco, quando tudo levava a supor que o ataque se désse pelo flanco direito, que era o mais forte. Houve 4 horas de fogo e muito fizéram os nossos aguentando-se todo esse tempo contra forças muito superiores e com melhor e mais numeroso material de artilharia e metralhadoras.

Da nossa artilharia só 3 peças Erhardt entraram em acção, estando as outras 4, as melhores, noutros pontos. Como sempre, houve de tudo: actos de valentia e parece que, infelizmente, tambem actos de covardia, que até cérto ponto talvez se possam explicar pelas privações que as tropas passaram nos dias que percederam o combate. Eu não estava lá; estava no forte Roçadas aonde se ouvia distintamente o troar da artilharia. Todas são unanimes em render os maiores elogios á valentia do Roçadas e ainda a alguns que o acompanharam. Morreram 5 oficiaes, ficou um prisioneiro e as baixas dos brancos não devem ir além de 140. Uma grande parte destes desapareceu na retirada, caída com fadiga, mortos de sêde e atacados pelo gentio, que se revoltava á medida que nos ía vendo pelas costas. Poucos dias depois, um sargento e 15 soldados de cavalaria em reconhecimento, foram massacrados pelo gentio. Os alemães, após o combate, não se sabe bem porquê, naturalmente por conhecerem a falta de recursos na região, sobretudo falta de agua, como sabes, não fizéram a perseguição. Podiam ter-nos perseguido, cortando a retirada não só ás tropas de Naulila mas a todas as outras que estavam á retaguarda.

O posto onde eu estava, forte Roçadas, recebeu a ordem de retirar no dia 19 á tarde, mandando inutilisar tudo o que se não pudèsse trazer. Calcula a barafunda em tal momento! Como a ordem era stntética, pegaram fogo á fortalêsa que estava cheia de munições. A algumas centenas de metros iamo-nos afastando e presenciando o medonho espectaculo da fortalêsa a arder bem como o deposito de viveres no reduto de Moçambique. E como havia grande quantidade de cartuchos, tudo aquilo principiou a estoirar, julgando as forças de Naulila, que, na sua maioria, já estavam á frente, no Humbe, que eram os alemães. Isso deu até em resultado debandar parte da coluna, em desordem, mas os chefes e a grande maioria dos oficiaes mantivéram a serenidade necessária e o comandante Roçadas conseguiu pôr tudo em ordem nas alturas de Kahama, aonde ficaram tropas frescas, sendo até ha poucos dias o *terminus* da nossa ocupação.

E agora?

Diz-se muita coisa, mas o que julgo cérto é ser impossivel uma desforra imediata, bem como a ocupação dos territorios além Cunene, antes de Maio.

Não faltam soldados. Desembarcaram já em Mossamedes perto de 3:000 homens e consta por cá que veem a caminho mais 5:000. Mas de que servem os soldados se não ha meios de transporte para conduzir viveres para abastecimentos? Os qua desembarcaram em Mossamedes ainda de lá não saíram porque os viveres que ha no interior mal chegam para os que cá estão.

O sistêma de transporte pelo carro boer deu logar a muitas privações que contribuiram em grande parte para a desmoralisação das tropas e, consequentemente, para o desastre. A meu vêr só ha uma solução prática: é o prolungamento da linha ferrea até ao Humbe o que, como sabes, é facil, relativamente, por não ter uma unica obra de arte e ser, deixa-me exprimir-me assim, só o assentamento de linha na estrada já quasi feita. Emfim, veremos como os dirigentes resolvem o caso.

Pois veremos. E oxalá seja com critério para evitar novos enxovalhos e desastres identicos aos que sofremos, sempre desairosos para o nosso exercito de gloriosas tradições.

Reparações...

Não ha que vêr. O govêrno do sr. Pimenta de Castro que em circunstancias excepcionalissimas alcançou o poder, está de tal modo inclinado a fazer uma politica de apaziguamento, que, se se lhe não põe um travão, daqui a mais até é capaz de reparar quem nunca supoz que pudésse ser reparado por não ter efectivamente nada que reparar.

E' o caso da nomeação do sr. major Mota Guedes para governador civil substituto de Coimbra.

Este militar permaneceu em Aveiro alguns mezes sem estar enquadrado, dizem que pelo facto de não merecer confiança á Republica. Recebia, porém, o seu soldo, tamarelava com os monarquicos da terra, frequentava o *Quelhas*, andava, emfim, nas suas sete quintas sem que fosse encomodado ou por qualquer fórma perseguido. Pois tambem lhe coube uma reparação: lá está governador civil substituto de Coimbra, sendo hoje um felizão no meio dos felizes que esta republica agasalha,

E diga o sr. Mota Guedes agora que não, que a Republica não é uma santa mãe... para os *enteados*...

—

A CINZA

Porque a autoridade tivésse consentido na saída da procissão da cinza, tudo se preparou para que os santos viéssem á rua arejar na quartafeira, não escondendo uma cérta ordem de republicanos o seu contentamento pela exibição duma coisa, que, por ser repelida pelo espirito moderno, nem devia ser lembrada. Pois ainda agora ficaram pintados! Acima da autoridade de outro poder mais alto se levanta e esse, seringando os que se tinham apaniguados, ipso-facto se colocou ao lado dos que não vão na fita dos estravagantes cortejos, evitando assim a sua saída.

Quando Deus não quer. .

—

UM CASO

Foi no teatro. Jogava-se o carnaval e a animação era desusada. Junto a um camarote dois homens defrontam-se:

—Seu gatuno, dê-me as correntes que foi buscar ao meu estabelecimento para ir pôr no prégo... Vá. Deixe-se de desculpas. Quero as correntes...

—!!!

A policia intervem. Ha sstupefacção, a garantia de que as correntes apareceriam no dia seguinte e o ourives retirou.

Ah! que se um dia nos resolvemos a fazer a biografia do *senobismo* indigena...

NO TRIBUNAL DE AVEIRO

Tres homens de bem no banco dos réus

Brilhante defêsa do talentoso causidico, dr. Alexandre Braga

Com extraordinaria concorrencia de publico, que, por completo, enchia a sala do tribunal estendendo-se ainda por todas as dependencias que lhe dão acêssos, iniciou-se ontem, prolungando-se até ás 19 horas, a que foi proferida a sentença, o julgamento dos srs. Manuel Francisco Braz, Joaquim José de Barros e Joaquim Francisco de Souza, todos da Povoa do Valado, freguezia de Requeixo, e que pelo M. P. eram acusados de terem disparado tiros contra os membros da Junta de Paroquia na ocasião em que esta e um grupo capitaneado por Manuel dos Santos Coutinho, conhecido cacique local, pretendiam destruir uma fonte e tanques construidos pela Câmara Municipal, a que a autoridade se impôz, produzindo-se conflito.

A audiencia decorreu cheia de peripécias a que déram logar as testemunhas de acusação que, decérto por mal ensaiadas, não desempenharam o papel que lhes foi distribuido em termos de se lhes poder dar crédito, conforme bem deduzido ficou e com toda a clarêsa, fazendo a brilhante defêsa dos réus, mórmente do benemerito Manuel Francisco Braz, tambem metido na contenda por ir em auxilio da autoridade desrespeitada e ameaçada, o conhecido advogado lisbonense, dr. Alexandre Braga, um dos primeiros senão o primeiro orador português na atualidade.

Um palido esboço da brilhante oração que o grande tribuno, patrono dos acusados, proferiu:

Advogado ha já bastantes anos, na sua carreira, que não tem sido das menos experimentadas em surprezas, deve dizer que jámais encontrou um caso, na aparencia insignificante, como aquele, que mais despertasse a sua paixão de advogado cujo mister, embora legitimo, não consiste só em ganhar dinheiro. Não é só o motivo repulsivo que ali traz os acusados, mas a situação dele, orador, como seu patrono, que precisa definir. Os acusados pódem ali estar com a certeza de serem absolvidos, pois não é a sua situação que o preocupa, mas sim o aspecto moral que revestem os factos contra o acusado Braz, porque a ele é que cértamente cabe o direito de se queixar contra aqueles que, para satisfação das suas vinganças, das suas miseraveis intenções e dos seus nefandos propositos, até ali trazem quem por nenhum principio ali devia estar.

Como advogado e como homem é que se revolta que daquela fórma se responda áquele homem que aplica o seu dinheiro em favor dos seus concidadãos, em beneficio da sua terra. Não póde por isso deixar de revoltar-se com nôjo e com tédio contra aqueles que procuram amesquinhar a obra de Manuel Francisco Braz, toda proveito, utilidade e beneficio, e, sem duvida, todos se revoltam e enojam ao vêr como, por simples e mesquinhas questões politicas, se procura envenena-la duma maneira tão baixa, tão vil, que implica um perigo e bem desgraçado exemplo para aquelas classes que pela sua ignorancia e pela facilidade impressionavel do seu espirito, pódem, ámanhã, repetir os actos daqueles que aproveitam a sua situação para a transformarem numa arma politica e num pretendido predominio dentro dum regimen que tem solidas bases para viver dentro da ordem e da absoluta legalidade e não permitir que resuscite o antigo predominio do *caoicato* por ilegitimo exercicio de funções daqueles que não correspondem ao cumprimento das suas obrigações ou nas mãos dos quaes são indignos de satisfazerem os seus deveres, E' preciso que tudo se diga para calar bem no espirito de todos e se sáia daqui com a convicção de que a justiça não é instrumento de vinganças de ninguem.

Aquele procésso, que no dever do seu cargo os *magistrados* judiciaes tivéram de instruir e julgar, representa apenas uma afronta, pois ele é a tradução do rancôr de quantos anteriormente jogavam sobre a carneirada eleitoral e pensam ainda que ela se póde transformar em arma de vingança a favor de quem quer que seja.

O que fez aquele homem?—exclama o orador indicando Manuel Francisco Braz.

Toda a gente o sabe.

Deixou a sua terra, por longos anos, e foi trabalhar lá fóra, foi procurar a fortuna material conseguida atravez duma canceira persistente e rude, vencendo, contudo, todas as dificuldades e todos os contratempos e, ao contrario de muitos outros, de alma árida e coração vazio, que apenas aproveitam o dinheiro como arma de dominio e de corrução; ao contrario de tantas creaturas que, esquecendo todos, não valem a ninguem, fazendo multiplicar os seus cofres pela vil agiotagem, em vez de se transformar no capitalista orgulhoso e misero, que não atende suplicas nem distingue lagrimas a enxugar, lagrimas amargas deslisando muitas vezes na face palida e acabrunhada da creança faminta e pobre—aquele homem, que tem alma e tem coração, pelo muito que quer á aldeia que o viu nascer, faz com que um quinhão da sua fortuna reverta em aplicação de beneficios para os seus concidadãos, na plena posse dos seus direitos e quer para as creancinhas, a quem pretende dar uma educação que represente uma arma para que elas triunfem com mais facilidade das lutas da vida, quer para aqueles que, saindo da sua patria, sem luz, vão lá fóra vêr-se embaraçados por não poderem concorrer com os que em egualdade de circunstancias dispõm de melhores armas, uma escola que lhes aproveite, um templo que os instrua.

Já percorreu as terras do Brazil, para onde se escôa a maior parte da emigração portuguêsa. Viu, portanto, com a alma dolorosamente esmagada, a situação dos emigrantes portuguêses, idos deste país que materialmente descurou a educação popular e observou tambem a situação de absoluta inferioridade em que eles se encontram. Assim toda a nossa emigração ali vae morrer ou, para evitar a morte, é obrigada a desempenhar os misteres mais baixos. No Rio de Janeiro, onde a nossa colonia é numerosissima como em nenhuma parte, nós vemos quasi na sua totalidade empregar-se como calceteiros, por não ter, com vantagem, aptidões para outra cousa.

Em Buenos Ayres e noutros pontos viu os nossos colonos nas mesmas condições que no Rio. Ali só viu que eles tinham monopolisado um serviço: o de carrejões. Na industria e na agricultura, que é a maior fonte de riqueza do fertilissimo terreno da florescente republica Argentina, é raro que o nosso colono triunfe, trabalhando apenas como o servo da glebe. O francez, o italiano e até o turco triunfa com vantagem sobre os nossos.

Na colonisação daquele fertilissimo país, do Rio de Janeiro para o sul, a influencia portuguêsa tem sistematicamente descaído. Em S. Paulo onde triunfa o italiano e no Rio Grande do Sul onde predomina o alemão e de S. Paulo para baixo a propria colonia turca é mais inteligente e melhor preparada do que a nossa. Se a Republica não conta continuar na obra de cobrir este país de escolas, bem perto está o momento que no Rio, Pará, Ceará, Acre, por toda a parte a colonia portuguêsa será sistematicamente batida.

Esse homem que lá andou, que conhece as duras dificuldades de quantos daqui saem imersos nas trevas profundas da ignorancia, sem luz no espirito, teve conhecimento que não havia uma escóla na sua aldeia, existindo apenas no papel, que a falta de verba não deixava realizar; esse homem com o seu dinheiro forneceu a casa e fez mais: forneceu tambem o mobiliario. Eu pergunto—exclama vibrantemente o orador—qual é o cidadão portuguez seja qual fôr a sua situação politica, as suas conveniencias e os seus interesses, que não haja que louvar este procedimento? Pois, todavia, alguem apareceu a contrariar a obra. Porque? Porque neste paiz a venenosa politica em tudo se mete e aqueles que são incapazes de produzir qualquer acto, por menos proveitoso que seja, só o fazem quando dele aproveitem o proprio interesse e a satisfação de reservados intentos. E esses quizeram logo descobrir no acto deste homem uma base determinante para o seu predominio pessoal. Era por bem fazer que ele recebia em troca os desejos de quantos o guerreavam por o desejo apenas de mal fazer. Recorreu-se á intriga, á ameaça, á calunia, á mentira. Tudo se fez, até tentar convencer a propria dona da casa onde se acha a escola, uma pobre velhinha, que lhe não pagariam a renda! Não conseguiram, porem, o seu intento e as creanças lá vão á escola até que, conhecendo a grandeza do beneficio, bemdigam o nome daquele que hoje aqui se encontra transformado em reu, cobrindo-o com os seus agradecimentos.

Mas as creanças necessitavam para seu conforto dum recreio e este homem procurou arranjar um largo, tal era o pomposo nome que lhe davam e que ele, orador, tivera o prazer por um lado e o desgosto por outro de o ter visitado de manhã.

As obras não se acabaram e assim mostram ainda o que aquilo era: um chiqueiro e logradouro de Manuel dos Santos Coutinho, que ali fazia o seu deposito de esterco e varias arrumações de cousas suas. O tanque era ali, a um lado, que sem duvida devia aproveitar ao Coutinho, mas não estava onde poderia ser dos outros que tem direito ao logradouro comum.

O sr. Braz foi entender-se com a Camara que deveria e deve dispôr, sem contestação, dos terrenos nestas condições, por isso que é ela que os vende e faz alinhamentos e o Coutinho que foi vereador, em identicos casos, assim julgou.

Mas fosse como fosse o que é certo é que o seu constituinte não tem culpa das turras entre a Junta de Paroquia e a Camara Municipal e por isso ninguem poderia supor que contra esse homem se procedesse da forma selvatica, indigna e repugnante indicada por uma creatura que tenha e tem o indeclinavel dever, a obrigação moral de nunca assim ter procedido.

Plantaram-se arvores duas vezes e barbaramente, selvaticamente duas vezes foram elas cortadas!

Essas arvores plantadas por creanças representam para as almas bem formadas alguma cousa que constitue o patrimonio comum duma patria com o fruto e a sombra para nós e para os nossos netos. A arvore é alguma cousa que a natureza nos oferece de sagrado e de intangivel. E' preciso que todas as bocas façam propaganda, ensinando ao povo que deve respeitar a arvore, multiplicando-a, tratando-a, venerando-a. E' essa uma missão humana e está na consciencia de todos que compreendem que é preciso convencer o povo que a arvore é a nossa proteção, facultando-nos a sua sombra para as nossas fadigas, dando-nos de graça os seus frutos d'ouro, alimento saboroso e são, que nos cria.

A arvore é a fortuna, é a vida; dá-nos vigor e dá-nos força, sem nada em troca, sem esforço até como aquele que nos exige o pão, arroteando a terra, espalhando a semente, cuidando a seára. A arvore tudo nos dá sem reclamar trabalho.

A arvore tem até propriedadades e condições de transformar a terra. Parece um paradoxo aberrante, mas a arvore regularisa as condições climatericas, provoca as chuves e a sua plantação altera todas essas condições trazendo paz, fortuna, abundancia, vida.

Tudo isto representa a arvore. Tudo isto, que é um riquissimo dom da natureza, tudo isto que os proprios selvagens respeitam, tudo isto foi esquecido por um homem, porque o tanque e a fonte são tirados dum logar, que servindo todos, não o serve só a ele; porque, tirados do logar que exclusivamente servia o sr. Coutinho, vem servir todos os outros. E é em nome dos interesses de todos os outros, que são o povo, que a Junta de Paroquia, o Coutinho, aparece a querer destruir no proprio dia da sua inaugução o tanque e a fonte!

Porque é que a Junta desde o primeiro dia não empregou os seus esforços para evitar essa mudança e só depois de tudo concluido e quando o povo do logar se ia aproveitar da sua primeira aplicação, aparece a Junta para euspir uma afronta, uma injuria á face do homem, que bem contrario a ela, tinha correspondido á necessidade deles proprios, e que não vacilaram em pretender demolir um trabalho que representava um dispendio com uma cousa que sendo de utilidade geral era um beneficio para todos os habitantes?

E' este para mim, diz o orador, o aspecto grave da questão e é preciso que esses, que, investidos duma autoridade, a enxovalharam, fiquem expostos aos olhos dos seus concidadãos com as suas chagadas mazélas bem á amostra; é preciso que esses tres homens sejam absolvidos para que atravez dos tribunaes não venha satisfazer-se uma torpissima vingança.

Entra depois o orador na apreciação juridica da questão, confrontos de lepoimentos, sua analise e critica, citação de varias nulidades insanaveis na instrução do processo, etc.

Compára graciosamente a afirmativa duma testemunha que tendo afirmado que vira num chapeo um buraco feito por uma bala, termina por declarar que eram quatro os buracos, tantos quantos ele, advogado, lhe indicára que deveriam ser, com um outro depoimento num celebre processo que despertou ávidamente a curiosidade e o interesse publico—e em que seu pae fôra tambem patrono da acusada—Marinha Correia—depoimento feito por uma mulhersinha chamada Rita Rosa, que acabou, tambem, por aceitar a existencia de sete regadores onde despejára a agua dum cantaro, que principiou por afirmar ter esvasiado apenas n'um!

Tem falado de mais, diz depois o ilustre advogado, e pede por isso desculpa pelo tempo que fez perder a todos que lhe dispensaram a honra de o ouvir.

E' seu dever, porem, saudar na pessoa do meretissimo Juiz e na do ilustre representante do Ministerio Publico a magistratura portuguêsa, e saudar tambem o povo generoso e bom desta terra, dizendo-lhe que se alegra por ver n'uma causa destas, na aparencia insignificante porque de facto se não trata destes crimes passionaes, impulsivos, misteriosos que agitam a curiosidade e despertam o interesse, mas sim dum caso corriqueiro e banal, ali tivesse levado tanta afluencia traduzida talvez no desejo de ouvir um advogado, um homem que vem de fóra, que fala com certa fé, dizendo palavras que podem ter o poder da sugestão sobre os que as ouvem, mas essa suposição é, sem duvida, uma natural consequencia, o resultado da generosidade com que muitos amigos a ele se referem.

Interpretava, contudo, a numerosa assistencia ali presente como um sentimento de solidariedade fraternal para com aqueles homens a quem prestavam um aplauso colectivo, que deve servir para o seu coração e para a sua obra como uma compensação. Estima que ali tivessem acorrido para ouvirem as suas palavras, não por o que elas possam ter o que generosamente querem que elas tenham, mas para ouvirem o que elas tem de humano e de verdadeiro.

Era preciso proclamar que esses homens, que esqueceram os seus deveres, calcando-os, quando sagradamente os deveriam cumprir, como deveriam guardar religiosamente dinheiro que se lhe passasse para as mãos, tenham de convencer-se que dentro da Republica não se poderia praticar taes actos. Que todos, pois, sáiam daqui, deste tribunal, convictos de que o regimen não pode ser senão de ordem, de respeito, de justiça porque ele representa até a segurança da nossa nacionalidade, cobrindo com o seu despreso aqueles que podem supor que voltará o principio do despotismo e da violencia que para sempre morreu entre nós.

E' preciso que eles se convençam que isso acabou, sob pena de serem amarrados ao eterno pelourinho de vilipendio e de vergonha.

O povo tem o direito indiscutivel e sagrado de exigir aos seus mandatarios que cumpram os seus deveres e desde o mais alto ao mais mesquinho tem o direito de ser respeitado.

E' a V. Ex.ª, sr. juiz, que cabe a missão de aplicar a cruel lição que eles necessitam; V. Ex.ª, que é um magistrado recto, consciencioso, de elevado criterio, vai lavrar, decerto, com a sua mão a sentença que dá o ensejo de punir com uma lição merecida, aplicando a lei, aqueles que a quizeram ultrajar e enxovalhar.

A este discurso, que produziu a maior sensação no auditorio, segue-se a pergunta do meretissimo juiz aos réus sobre se tinham mais alguma coisa a alegar em sua defêsa a que êles responderam negativamente. E' então lavrada a sentença, que os absolve, pelo que no tribunal se produz uma grande agitação de aplauso, trocando-se abraços e cumprimentos sem conta.

O sr. dr. Alexandre Braga faz em seguida as suas despedidas, visto ter de partir no *rapido* para Lisboa e sae acompanhado do nosso director para o Hotel Cisne, onde se achava hospedado. Cá fóra um numeroso grupo de cidadãos aclama-o com palmas e vivas, terminando assim, com honra para a *justiça*, a primeira parte da chamada *questão da Povoa* que o mesquinho e sordido interesse duma creatura vil tem agitado com prejuiso do socego e prosperidade da risonha aldeia.

Assaltos

Nada menos de tres estabelecimentos foram a noite passada assaltados, levando os larapios não só dinheiro mas tambem generos alimenticios naturalmente pela necessidade que existe em muitos lares atenta a crise economica que se atravessa.

Os estabelecimentos a que nos referimos foram os dos srs. Domingos Guimarães, Angelina Marques e Joaquim de Oliveira.

Foi dada participação á policia.

Notas mundanas

Teve a sua délivrance dando á luz um robusto menino, a esposa do nosso conterraneo sr. dr. Casimiro Barreto Sachetti, a quem felicitâmos.

=Regressou a esta cidade o sr. Mario Duarte.

=Estiveram em Aveiro com curta demora, os srs. Manuel Simões da Rosa, Claudio Portugal, Domingos de Carvalho, de Mamodeiro; José Simões Carrelo e familia, de Cacia; Francisco Ferreira, das Quintans; dr. Abilio Marques e Adelino Vidal, da Costa do Valado; Manuel Maria Tavares, de Requeixo, e José Ferreira Canha, da Povoa do Valado.

=Está quasi restabelecido o sr. Antonio Augusto da Silva.

— Fez ontem anos o sr. Manuel Francisco Braz, da Povoa do Valado, a quem felicitâmos.

=Partiu para Lisboa o sr. Nobre da Veiga, governador civil do distrito.

=Segue para o Rio de Janeiro onde o chamam urgentemente os negocios da sua casa comercial, o sr. Antonio de Carvalho que durante uns poucos de mezes esteve vivendo em S. Bento junto dos seus.

Desejâmos-lhe boa viagem e breve regresso.

=Completa ámanhã dois anos o interessante filhinho mais velho do nosso amigo Amadeu Tavares Pinto.

Ao Humbertinho e a seus paes muitos parabens.

"O Riso do Vouga,,

Não saíu ontem este semanário local, constando ter suspendido a sua publicação.

Dentista

Conforme os nossos leitores deviam ter visto pelo anuncio que começámos a inserir na semana preterita, abriu em Aveiro, na rua dos Mercadores, um consultorio dentario, o sr. Candido Dias Soares, que alía á sua competencia como cirurgião plenamente aprovado pela Escola Medica do Porto, uma longa prática obtida após o curso e que seguramente lhe hade garantir um bom futuro nesta terra onde de ha muito se fazia sentir a falta que o sr. Candido Soares agora veio preencher.

Pelo menos disso estâmos convencidos, pois sabemos que muitos dos nossos conterraneos procuravam fóra—no Porto, Lisboa, Coimbra e Espinho — dentistas que os podéssem conscienciosamente tratar, e acudir, com segurança, ás suas enfermidades de boca, o que para o futuro se não torna necessário desde que recorram ao sr. Candido Soares ora entre nós, como tão nec.ssário era.

O Carnaval

Semsaborão, como ha muitos anos, mais uma vez aí se arrastou por éssas ruas, sem a mais insignificante nota a recomendal-o, sob qualquer ponto de vista.

Apezar dos dias de segunda e terça se apresentarem de sol, o numero de mascaras foi diminutissimo e éssas mesmo sem motivo para se recomendarem.

A' noute, no baile, especialmente no ultimo da época, afluiu numerosa concorrencia ao teatro, vibrando com mais intensidade a nota da folia, perturbada contudo pelo exagerado emprego da farinha e outros engredientes ha muito condenados e proíbidos.

Nos espectaculos dos ultimos dias tambem se cometeram desmandos, que ninguem tentou sequer evitar, chegando-se a atirar pequenos sacos cheios de milho, areia e até de castanhas cruas, magoando várias pessoas em quem êles batiam violentamente.

E nisto se resumiram as manifestações da época com espalhafatoso agrado dos que se *divertiram*, magoando e encomodando os outros sem ninguem lhe pedir responsabilidades embora com prejuizo e inquietação das vitimas e dos que lhes não foi permitido apreciar com socego as magnificas variedades exibidas por escolha do emprezario, Maximo Junior, que désta vez, como quasi sempre, acertou e muito bem.

E lá se foi o entrudo—sem deixar saudades—exceção feita aos que só o aproveitam para expansão de brincadeiras que o vulgo chama—selvagerias...

CARTA DE ANADIA

=(*)=

Em 15

Deve a estas horas (14) estar-se realisando uma visita de saudação e cumprimentos ao sr. coronel Cerveira de Albuquerque, em casa de sua familia, em Mogofôres. Não compareci a enfileirar com os republicanos de Anadia, a tomar parte na merecida homenagem em honra do ministro da guerra do gabinete transato, por só tarde me ter chegado a noticia da resolução da Comissão Municipal, em convidar os republicanos désta região a ir hoje saudar o ilustre militar que de 5 de Outubro a esta parte tem colaborado com o Partido Republicano Português na administração dos negocios públicos.

Porque o sr. Cerveira e Albuquerque só é republicano desde a proclamação das instituições democraticas, veio-me agora á memoria a campanha que os monarquicos e os republicanos, adversários do partido em que S. Ex.a se filiou, tem feito contra os *adesivos* que não enfileiraram nos seus partidos.

Foi o sr. Brito Camacho o que mais prégou nos seus jornaes contra os antigos monarquicos e tambem foi éle que os alcunhou de *adesivos*, na furia de reconhecer que o seu apagado partido nem dos monarquicos limpos merece o apoio, quanto mais do povo republicano que cada vez detesta com maior indignação os seus miseraveis processos de fazer politica. A proposito do sr. Brito Camacho veio-me tambem á mente o comentario que cérto funcionario publico, em Anadia, fez das qualidades odientas e vingativas do chefe da chamada união republicana. Segundo a opinião do referido funcionario, o odio vingativo impéra tanto no sr. Brito Camacho que éle não hesitaria entre o ajudar a perder a Republica e o desistir das suas teimosias, desde que, ajudando os monarquicos, se vingasse dos seus competidores republicanos.

A hora que decorre é gravissima para experiencias e mal vai aos republicanos se não acabam com o perseguirem-se mutuamente. Todas as caracteristicas, todos os sintomas do que vai na politica portuguêsa concorrem para nos indicar que alguma coisa de grâve se vai passar.

Temos um govêrno composto de militares, na sua quasi totalidade obdientes á ordem do sr. Brito Camacho, que conseguiu iludir-se por algum, pouco, tempo, visto estar governando contra a Constituição da Republica, pensando, talvez, que governar contra a legalidade e contra a maioria do país, é engrandecer-se e arranjar votos para vencer as proximas eleições. O país começa a manifestar-se em presença de uma tal anomalia, porque vê que um govêrno que se póde dizer saído das casernas e imposto violentamente, o obriga a duvidar do que será o dia de ámanhã. O exercito está sendo perseguido e os elementos civis tambem, e o que é gravissimo é que tais perseguições se façam por imposição de um poder que pretende ocultar-se, mas que o país bem vê onde está. Explicando-nos melhor, diremos que, muito embora o chefe do govêrno seja o sr. Pimenta de Castro, o cérto é que, de facto, quem tem governado até agora não tem sido S. Ex.a mas sim os amigos que o sr. Brito Camacho conseguiu anichar na secretaria da guerra. O sr. Antonio José de Almeida, que é, na verdade, uma grande figura moral, está de novo a ser logrado pelos compadres do sr. Camacho. Aqui, como, de resto, em todo o país aonde, abaixo do partido democratico, quem tem votos é o partido evolucionista, tudo se está preparando para absorver os votos evolucionistas, e se os monarquicos se organisarem e fôrem á urna, é um ar que lhe dá a esse partido. Que pensem nisto os que sincéramente seguem a politica evolucionista. Vejam o logro de que pódem ser victimas e não esqueçam que atualmente o ser camachista é sinonimo de monarquico. Os evolucionistas se aceitarem combinações eleitorais com os camachistas, é fatal que serão roubados, pois que os seus candidatos serão traídos.

Gomes Junior

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Necrología

Deixou de existir nesta cidade o conhecido negociante de cereaes da rua do Gravito, sr. Abel Ferreira da Encarnação, que lega a seus filhos Antonio, Abel e Francisco Ferreira da Encarnação um nome honrado e qualidades de trabalho que pódem ser egualadas, mas nunca excedidas.

Tinha 64 anos e posto que aparentasse aspecto de vigoroso o seu estado fisico estava, porém, bastante enfraquecido pelas continuas enchaquecas de que era acometido, vindo o triste desenlace pôr côbro ao sofrimento que o retinha no leito havia dias sem que lhe podéssem valer os cuidados da ciencia, os carinhos da familia, tudo, tudo quanto, emfim, aconselhava que se fizésse para o arrancar á morte e restitui-lo de novo ao trabalho, ao labôr da sua casa comercial, que além do mais ele administrava com zêlo e admiravel criterio.

O enterro do sr. Abel da Encarnação efectuou-se ao caír da tarde de sexta-feira encorporando-se nele muitos amigos da familia enlutada e bem assim a corporação dos Bombeiros Voluntarios, em cuja carrêta foi conduzido o corpo do prestimoso cidadão e uma deputação da Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, sendo a chave do ataude entregue ao sr. Henrique Rato.

Que descance em paz. E aos que pranteiam, com justificada razão, o desaparecimento do velho negociante, sentidos pêsames enviam a todos, os que trabalham neste jornal.

* * *

Tambem se finou o sr. Manuel da Conceição Tavares, que exercia as funções de escrivão do juiz de Paz. Era ainda novo e foi vitima da tuberculose a que a sua debil constituição não poude resistir por mais tempo.

Confronto

Quando no tribunal éramos mudas testemunhas da grandeza de espirito do notavel causidico que aí esteve, o dr. Alexandre Braga, medindo a correção inexcedivel de todo o seu trabalho, a delicadeza do seu interrogatorio, a fórma cortez como éle demonstrava ás testemunhas as contradições dos seus proprios depoimentos, a maneira distinta, delicada, como éle reduzia á expressão mais simples a acusação aos seus constituintes, acudiu-nos á mente esse vilão grosseiro e malcreado, que aí apareceu, com ares de almocreve da Beira, alugando-se lá para os lados de Almeida, em *invertidos* serviços, como aludiu então a imprensa désa localidade...

Mas, emfim, para os constituintes que o chamaram só um advogado de tal quilate...

Exames de admissão á Escola Normal

Maria de Melo e Castro e José Manuel Moreira, professores oficiaes nesta cidade, habilitam para estes exames, achando-se já aberta a respectiva matricula.

Rua do Caes, n.º 15—B

MELHORAMENTOS EM ALQUERUBIM

=(*)=

Um chafariz no Adro

Considerando, agora, oportuna a ocasião para vir, publicamente, demonstrar ao povo de Alquerubim a justiça e a razão que me levâram a apresentar, no dia 28 de Junho de 1914, á Ex.ma Junta de Paroquia Civil, a representação que segue, a qual foi assinada por muitos cidadãos, alguns de elevada categoria social e intelectual, por a acharem justissima; e considerando, portanto, o momento proprio para, com argumentos e com factos, justificar o direito que assiste aos habitantes do Adro da egreja—o ponto principal da freguezia—de possuirem ali um chafariz e ser o largo arborisado; considerando, finalmente, de meu dever deixar exarada nas colunas de *O Democrata* a minha mais sincéra gratidão á Ex.ma Junta de Paroquia de Alquerubim, pelo bom acolhimento que deu á representação que tive a honra de lhe apresentar, eu não poderei deixar tambem de protestar o meu eterno reconhecimento a todos os cidadãos que me acompanharam nésta petição justa, lutando, como eu, em favor do bem do publico e do engrandecimento de Alquerubim.

Alquerubim, 16 de Fevereiro de 1915.

Julio H. Pereira de Castro

A' Ex.ma Junta de Paroquia Civil de Alquerubim

Os cidadãos abaixo assinados, verdadeiramente empenhados no engrandecimento e progresso da sua terra e no bem geral do povo de Alquerubim, tendo em vista o embelezamento dos principais pontos désta freguezia, afim de darmos aos que nos visitem, a impressão de que sômos um povo trabalhador e patriota e que possuimos a civilisação, o amôr e a boa vontade suficientes para promovermos o alevantamento artistico nas cousas publicas de Alquerubim,—vêm, muito respeitosamente, pedir á Ex.ma Junta de Paroquia Civil, confiados nos seus bons intuitos de bem servir a Causa do Povo, o que a seguir descrevemos:

=Que, considerando o Adro da egreja désta freguezia o largo e o ponto principais de Alquerubim, local a que todos os alquerubinenses pódem chamar seu, nem só por ser o centro da freguezia como tambem porque é um largo contiguo á egreja matriz, por nossos avós destinado á reunião dos crentes em dias santificados,—sendo bastante para admirar, até, o esforço e o bom gosto dos nossos antepassados abrindo um largo ou pequena avenida em frente da egreja, largo esse, que encheram de arvores, algumas das quais ainda chegaram a nossos dias;—que, pelas considerações que ficam expostas e ainda por outras que anotaremos, a Ex.ma Junta dê, o mais bréve possivel, inicio á exploração de aguas para a construção de um chafariz no dito Adro da egreja, que corresponda á época e ao local, á saude publica e á higiéne.

São tantas e urgentissimas as razões de ordem pública que poderiamos apresentar para a construção de um chafariz no Adro da egreja, que, as menos importantes, convenceriam a Ex.ma Junta a atender-nos; bastará, todavia, relembrar-lhe que o lugar de Fontes não possue actualmente qualquer fonte que não seja, principalmente no verão, um perfeito charco, cuja agua é a mais impotavel de todas as fontes da freguezia, muito especialmente a da fonte do Passal, nascida no cemitério em cuja direcção foi explorada, sendo prejudicial á saude e á vida dos que, não tendo outra fonte donde se possam abastecer, são obrigados a mandar ao *charco* do Passal da egreja—a que chamam fonte—buscar agua.

Nem só todos os moradores do Adro, que não teem outra fonte, estão sujeitos—segundo a autorisada opinião de um grande medico da nossa terra—a serem invadidos por uma epidemia que o servirem-se da agua nascida dos *defuntos* lhes póde ocasionar, como tambem éssa mesma epidemia se póde estender a toda a freguezia, levada por mais de 150 creanças das escolas oficiaes de Alquerubim, que tambem são obrigadas a beber a agua imunda e impotavel da antiquissima fonte do Passal! Não precisará a Ex.ma Junta de outras razões, principalmente tendo em extrema consideração as creancinhas das escólas, por quem nós, homens, temos o mais sagrado dever de pugnar, dando-lhes: instrução, pão aos que o não teem e higiéne para todos os pequeninos, que serão os homens de ámanhã, os representantes e defensores da nossa terra, da Patria e da Republica.

Bastará, pois, esta ultima e mais justa razão, e tambem por da Ex.ma Junta fazer parte um ilustre professor e outro não menos ilustre e dedicado professor ser secretário da Junta de Paroquia de Alquerubim, para que imediatamente sejam atendidos os nossos desejos, que foram e são tambem os desejos da Junta transata, a qual fez inscrever no orçamento uma verba para a exploração de aguas destinadas ao chafariz do Adro, cuja verba está aprovada para esse fim.

Mais lembra e pede o grupo de patriotas á Ex.ma Junta, que inscreva no seu orçamento uma verba para a colocação de um **Marco Postal** no mesmo Adro da egreja, a fim de substituir a atual caixa postal ali existente; pois que não se compreende, em plena Republica Democratica, que esta dispense privilégios a cidadãos—principalmente aos seus inimigos—exentando-os de contribuições: como dias de estrada, de ser jurado e concedendo uso e pórte de armas aos que teem a *felicidade* de ter pendurada na parede de sua casa uma caixa do correio!

Pedem, finalmente, á Ex.ma Junta, que mande arruar e arvorisar convenientemente o dito Adro da egreja, fazendo dêle um pequeno parque onde o povo possa ter um recreio agradavel, de utilidade para todos e assim o povo de Alquerubim possa dizer reconhecido á Ex.ma Junta de Paroquia que, nem só E'la merece—tornando em realidade o que fica dito—o aplauso sincéro e unanime de todos os bons filhos désta terra, como tambem porque êsse nobre gésto tornado em pura realidade, glorificará a colectividade que o posér em pratica, e marcará uma nova éra de patriotismo, de civilisação e de rejuvenescimento para Alquerubim— Patri de homens ilustres como os drs. Miranda, Lemos e Nogueira.

E, confiados no imediato deferimento deste justissimo pedido, que sintetisa o desejo e a vontade do povo alquerubinense, o primeiro signatario désta humilde petição, unica e simplesmente com o fim economico para a Ex.ma Junta—e, por conseguinte, para o povo désta freguezia—oferece gratuitamente os seus serviços naquilo para que o julgarem suficiente, como por exemplo para dirigir os trabalhos do embelezamento do atual Adro da egreja de Alquerubim—ao qual, depois, mais propriamente se lhe poderá chamar «**Coração do Alquerubim.**»

Saude e Fraternidade.

Alquerubim, 28 de Junho de 1914

(aa) Julio Henriques Pereira de Castro, José Miranda Leal, Francisco José de Bastos, Antonio José de Almeida, Bento Correia de Mélo, Manuel R. Pinhão da Graça, João A. Henriques de Azevedo, Diamantino Augusto da Silva, Alexandre Rodriques da Silva, José Martins Abreu Junior, dr. José Nogueira Lemos, José Pedro de Oliveira, Manuel Fernandes de Bastos, Antéro Fernandes Aveiro, José Saraiva Pires, Manuel Dias de Matos, Abel Dias dos Santos, Eduardo Martins dos Reis, Luiz Dias dos Santos, José de Oliveira Matoso, Joaquim Henriques da Silva.

Acta da Junta

Sessão extraordinaria de 28 de junho de 1914. — Presidencia do cidadão João Correia de Mélo (Comendador). Presentes os vogaes: David Henriques Pereira Lemos, Manuel de Oliveira Santos, José Marques Frias e Francisco Correia Martins, estando tambem presente o cidadão Francisco José de Bastos, regedor désta freguezia. Foi lida, aprovada e assinada a acta da sessão anterior.

Em seguida, pelo cidadão Julio Henriques Pereira de Castro, foi apresentada á Junta uma representação, assinada por 21 cidadãos désta freguezia, que pedem a ésta Junta que mande construir um chafariz no adro, em frente da egreja, o qual será um grande melhoramento para o povo désta freguezia. Mais se pede na dita representação á Junta que mande embelezar o dito ádro, em frente da egreja, arborisando-o—o que será muito util para a higiéne.

Tambem péde que no dito ádro seja colocado um marco postal tambem para beneficio do publico.

A Junta, depois de alguma discussão sobre este assunto, deliberou unanimemente atender a dita representação.

Mais se deliberou mandar proceder á exploração da agua para o dito chafariz, marcando o dia da proxima sessão, que ha-de ter logar no proximo domingo, 5 de julho do corrente ano, para se escolher o sitio onde devem ser feitas as pesquisas de agua para o dito chafariz.

Resolveu mais nomear uma Comissão composta dos cidadãos Julio Henriques Pereira de Castro, Manuel Maria Amador e José Saraiva Pires, afim de tratar do que fôr necessario para obter o marco postal......................

....

João Correia de Mélo (Comendador), David Henriques Pereira Lemos, Manuel de Oliveira Santos, José Marques Frias e Francisco Correia Martins.

C.

CORRESPONDENCIAS

Requeixo, 16

No chamado *domingo magro* celebraram-se preces nesta freguezia e suas lemitrofes pedindo a Deus o termo dessa assombrosa carnificina denominada guerra européa.

Digam lá os *herejes* e *pedreiros livres* que a religião catolica não é o salutar remedio para a perfeita paz das nações; que não é o elemento poderoso contra o qual nada ha que lhe resista fazendo entrar no reino dos céos aqueles dos maus que existem sobre a terra uma vez que, mesmo cobertos de hipocrisia, prestem homenagem á seita de Loiola.

O padre, designando o dia e hora em que o acto devia ter logar, aconselhou o povo a que devia comparecer no templo, exer-

tando-o á oração, e não perdeu o seu tempo. Beatas e beatos acorreram ali, umas com lagrimas de corcodilo nos olhos, outros com a mascara da hipocria bem afivelada á cara e á alma embotada. Todos foram unanimes em requerer não só o termo da guerra, mas tambem a destruição da raça teutonica.

A demora na solução do caso, porém, faz prever que tal requerimento causou sérias dificuldades na côrte celestial, reunida em conselho permanente, pois parece que êle pôz de parte todos os outros assuntos, inclusivé a regularisação do tempo, o que tem dado causa ao prolungado e prejudicial inverno que nos atormenta.

Qual a razão da demora e azedume nas discussões celestiaes?— perguntarão os curiosos. A resposta é facil e breve.

Na Alemanha a religião do Estado é a catolica. Pelo menos é o que depreendemos pelos manifestos do *pacifico* Guilherme II ao seu exercito. Mas seja ou não a catolica, o cérto é que o kaiser diz que combate em nome de Deus, donde se conclue que, por parte da Alemanha, igual requerimento foi dirigido áquela côrte e daí resultam as dificuldades, das dificuldades as discussões asparas e, finalmente, a demora.

Mas que grande pandegos nos saíram estes catolicos de má morte! O padre, a introduzir na cabeça dos dementados a possibilidade de, por meio de ladainhas e outras bugiarias do ritual, se pôr termo a uma guerra!

Vê-se claramente que a seita negra não descança um momento em fanatisar o povo para bem o explorar, campeando infrene e altiva emquanto os poderes publicos permanecem de braços cruzados a vêr passar ante si a onda alterosa da corrução!

Finalmente: se com essas manigancias pseudo-religiosas se evitar mais perdas de vidas e os mil e um transtornos que do conflito europêu pódem resultar para os povos, não seremos os ultimos a depôr um beijo de amor na sotaina do nosso modelar pastor...

C.

Castélo de Paiva, 16

São tantas as injustiças e poucas vergonhas que se estão dando desde a implantação da Republica e com consentimento de algumas autoridades, que nos obrigamos a pedir a quem compete todo o cuidado e atenção nas nomeações que se fazem. Não nos parece ter dado bom resultado as consultas feitas ás corporações competentes.

Nos proximos n.os do *Democrata* relembraremos os factos escandalosos que se têm dado, e pediremos justiça, que havemos de obter, esperanças nossa honradez e caracter dos homens que estão no poder.

Tem sido pessimo, prejudicial, causando prejuizos e desgostos, o procedimento do sr. administrador do concelho, nomeado por engano, e depois de ter abandonado a presidencia da comissão municipal republicana, para que foi nomeado em data de 15 de março de 1908.

C.

Anadia, 16

Trata-se da mudança do *Centro Democratico*, que tem funcionado na Malaposta, para Anadia, como foi resolvido em assembleia geral, ha dias. Na mesma ocasião foram tambem escolhidos os novos corpos dirigentes, verificando-se o seguinte resultado:

Comissão executiva

Presidente, Julio Augusto dos Santos Maia; *substituto*, José Nunes Cordeiro; *secretário*, Armando Magalhães; *tesoureiro*, Cipriano Simões Alegre.

Assembleia geral

Presidente, Alberto de Albuquerque Sobral; *substituto*, José de Almeida; *secretários efectivos*, Manuel Francisco Dias e Adriano Rodrigues Cancela; *secretários substitutos*, Serafim Tavares Alves e Francisco Ferreira Rôlo.

O *Centro* vae ser instalado em logar muito central, nésta vila, e em belas salas que, para esse fim, se andam a preparar, devendo ser aberto em principio de março.

C.

Despedida

Antonio Fernandes de Carvalho, tendo de retirar precipitadamente para o Rio de Janeiro e sem tempo para se despedir pessoalmente de todos os seus amigos e conterraneos, vem por esta fórma fazel-o oferecendo-lhes o seu limitado prestimo naquêla Republica.

Ao saír de Portugal protesta o seu profundo despreso pelo cidadão Manuel dos Santos Coutinho e restante familia.

S. Bento, 19 de Fevereiro de 1915.

Agradecimento

José Bernardino Simões dos Reis, Maria Simões dos Reis, Irmelinda Simões dos Reis, Ana Maria Povoa dos Reis, Maria Lopes Povoa, Joaquim Simões dos Reis, Julio Simões dos Reis e Manuel dos Reis, agradecem a todas as pessoas que lhes déram a honra de acompanhar á sua ultima morada, em Eirol, o cadaver da sua muito extremosa esposa e mãe e por este meio veem patentear o seu reconhecimento por lhes não ser possivel fazel-o pessoalmente.

Taipa, 16 de Fevereiro de 1915.

Anuncios